

Cenas de novela mexicana

RUY CASTRO *

Todo homem apanhado na cama com uma mulher pelo marido dela aprende desde tenra idade que a única saída, na impossibilidade de fugir pela janela, é negar. Às vezes cola, às vezes não cola. O festival de CPIs em andamento tem sido uma vasta cama, onde a cada dia alguém é apanhado em ilícito conúbio, não com a mulher de alguém (pelo menos por enquanto), mas com dinheiro que não lhe pertence. Até agora, exceto PC Farias, ninguém tentou fugir pela janela.

Em compensação, os acusados estão se superando em criatividade na difícil arte de negar. Alguns, como o suplente de deputado Feres Nader (PTB-RJ), tentam a saída fácil, alegando falta de memória. Quando lhe perguntaram como construiu seu patrimônio de US\$ 20 milhões, Nader foi cristalinamente obscuro: "Como vou lembrar? Não sei nem o que comi ontem." O incrível é que, com essa falta de fôsforo, Nader tenha se lembrado da emissora de rádio que ganhou de Sarney, em troca de seu voto a favor dos cinco anos de mandato para o então presidente.

Outro esquecido, o deputado José Geraldo "Quinzinho" (PMDB-MG), também pareceu espantado quando lhe perguntaram por uma fazenda que apareceu entre os seus bens: "Engraçado, não me lembro de ter comprado esta fazenda." Ao lhe ser mostrado o documento da fazenda, "Quinzinho" reconheceu seu nome, sua assinatura, seu CPF e até o cartório de seu tabelião. Mas insistiu: "Realmente, a fazenda é minha, mas não me lembro de tê-la comprado."

Há também aqueles que, ao verem seus nomes assinados em documentos que permitiram cabeludas operações fraudulentas, admitem que assinaram, mas suspiram tibiamente: "Eu não sabia o que estava assinando." E

nisso que dá o orçamento de um país ser uma orgia de papéis, cada qual com vários jamegões. Infelizmente, tem de ser assim, para que, de repente, uma estrada, escola ou ferrovia feitas de fumaça não sejam contempladas com uma montanha de dinheiro sólido. Como foi exatamente o que aconteceu, deduz-se que ainda mais gente do que pensamos — inclusive no Executivo — andou assinando coisas sem saber.

Alguns, como o deputado Ibsen Pinheiro (PMDB-RS), parecem sinceramente chocados: "Não é possível. Esses US\$ 400 mil não podem ter ido parar na minha conta!" — e nem ao menos ficou agradavelmente surpreso. É como se Ibsen não conferisse seus extratos há anos. Imagine o risco que correu: assim como apareceu dinheiro a mais em sua conta, poderia também ter aparecido dinheiro a menos — e ele, sem saber, poderia estar passando cheques sem fundos a granel, tisanando o seu bom nome. Por sorte, como vimos, fundos não são o problema de Ibsen.

Outros são firmes na negativa. Ao ser perguntado por que tantos de seus imóveis nunca apareceram em suas declarações de renda, o deputado Manoel Moreira (PMDB-SP) nem pestanejou: "Isso já foi retificado." O suspiro de alívio só foi interrompido quando se descobriu que a retificação tinha sido feita exatamente na véspera do seu depoimento.

Há também os intemeratos, que esbravejam contra a simples possibilidade de serem investigados: "Não admito que se façam insinuações contra a minha honra!", ejaculou o senador José Sarney (PMDB-AP), brandindo um dedo firme como um beija-flor. O ex-presidente considera-se acima de julgamentos, suspeitas e acusações

— por mais que os fatos insistam em desmenti-lo. Não que lhe falem testemunhas a favor: os cento e tantos sirigaitos com que ele lotou um avião e levou para um rega-bofe em Paris na festa do Bicentenário, em 1989, devem ser-lhe gratos. Saudades das suítes do hotel Crillon, dos jantares no Verour, das compras na Fouchon.

Fazendo companhia a Sarney nesse altar da intangibilidade, está a CUT. Na voz de seu presidente Jair Meneghelli, ela também se julga fora do alcance de ser investigada por repassar dinheiro para o PT através dos sindicatos que lhe são filiados. Quantos outros neste país podem se orgulhar de deter o monopólio da moralidade, da retidão e dos elevados ideais? Só mesmo Sarney em seu mausoléu maranhense.

O desespero de alguns implicados pode levar a cenas de novela mexicana. O deputado João Alves (PPR-BA) já ameaçou "se matar". Seu colega Feres Nader disse que, se tiver a culpa comprovada, pedirá "seu próprio fuzilamento em praça pública". E o deputado Fábio Raunheitti (PTB-RJ) declarou que está "disposto a ser sacrificado para que, com seu sangue, seja lavada a honra desta Casa".

Outros já ensaiam seus lances de *grand-guignol*. Manoel Moreira, por exemplo, ameaçaria fazer um voto de castidade perpétua. Ibsen Pinheiro ameaçaria exilar-se nas Ilhas Gregas. Sarney ameaçaria publicar *Marimbondos de Fogo II*. E Jair Meneghelli ameaçaria doar seu cérebro à ciência.

**Os suspeitos
de corrupção
sentem-se
intangíveis,
como se
estivessem
num altar.**